

Relacionamentos Intergeracionais em Famílias de Crianças com Deficiência

Intergenerational Relationships in Families with Disabled Children

Juliana Archiza Yamashiro

Doutorado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos
Mestra em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos
julianayamashiro87@gmail.com

Thelma Simões Matsukura

Doutora em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo
Professora da Universidade Federal de São Carlos
thelma@ufscar.br

Endereço: Juliana Archiza Yamashiro
Rua Ennes Bueno, 70, Parque Fehr, CEP. 13563-760, São Carlos – SP – Brasil.

Endereço: Thelma Simões Matsukura
Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, km 235 Monjolinho 13565-905 - São Carlos, SP – Brasil.

Editor Científico: Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 04/08/2017. Última versão recebida em 18/09/2017. Aprovado em 19/09/2017.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

RESUMO

Estudos intergeracionais contribuem para a compreensão dos processos de desenvolvimento e adaptação familiar, em famílias de crianças com e sem alterações no desenvolvimento. Objetivo: compreender a realidade de famílias de crianças com deficiência intelectual e com desenvolvimento típico, sob a ótica de três gerações, acerca do cotidiano e de práticas de apoio existentes na família. Metodologia: Participaram do estudo 36 familiares (avós, mães e irmãos mais velhos) de crianças com deficiência intelectual e de crianças com desenvolvimento típico, os quais responderam a entrevistas semiestruturadas. Verificou-se que avós de ambos os grupos representam importante fonte de apoio à família. O relacionamento intergeracional entre avós e netos mais velhos apresentou-se como positivo na vida de ambos, embora, no caso das famílias de crianças com deficiência, tenha sido observado que a interação entre avós e netos mais velhos é acrescida de características específicas desta realidade. Discute-se sobre a contribuição dos relacionamentos intergeracionais no desenvolvimento de todos os membros da família e destacam-se especificidades em famílias de crianças com deficiência.

Palavras-Chave: Família. Intergeracionalidade. Crianças com Deficiência. Mães. Avós.

ABSTRACT

Intergenerational studies contribute to the understanding of the processes of development and family adaptation in families of children with or without developmental alterations. Objective: To comprehend the reality of families of children with intellectual and developmental disability from the perspective of three generations, about everyday practices and an existing support from the family. Methodology: The study included 36 relatives (grandmothers, mothers and older siblings) of children with intellectual disability and children with typical development, that answered semi-structured surveys. Results: Grandparents from both groups represent an important source of support for the family. Intergenerational relationships between grandparents and older grandchildren have a positive effect in the lives of both, although for families with disabled children the interaction is added by specific characteristics of this reality. The contribution of intergenerational relationships in the developments of all family members is discussed and the specificities of families of disabled children are highlighted.

Key-Words: Family. Intergenerationality. Children With Disabilities. Mother. Grandmother.

1 INTRODUÇÃO

Sob a óptica da teoria sistêmica, a família pode ser compreendida como um grupo natural, cuja estrutura é elaborada a partir dos padrões de interação estabelecidos entre seus membros, como um sistema constituído por vários níveis de relações, composto por subsistemas, como marido-esposa, genitores-filhos, irmãos-irmãos e avós-netos (MINUCHIN; COLAPINTO; MINUCHIN, *et al.* 1999,).

No século XX, a pirâmide etária mundial sofreu modificações à medida que não apenas os países desenvolvidos, mas também aqueles em desenvolvimento passaram a apresentar um progressivo aumento da população idosa. De acordo com a OMS até o ano de 2025, o Brasil será o sexto país do mundo com maior número de idosos (BRASIL, 2005; 2009); contudo, sabe-se que o envelhecimento populacional não é exclusividade da realidade brasileira.

O relatório “envelhecimento do século XXI: celebração e desafio”, lançado por agências da ONU em 2012, destaca que, pela primeira vez na história mundial, no ano de 2000 havia mais pessoas com mais de 60 anos que crianças com menos de cinco e que, em 2050, a população idosa será ainda maior que os menores de 15 anos (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012).

Aponta-se, ainda, que o envelhecimento está ocorrendo em todas as regiões do mundo. Assim, diante dos desafios e potencialidades do envelhecimento populacional, preconizam-se novas formas de estruturação das sociedades, forças de trabalho e relações sociais e intergeracionais (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2012).

Tal realidade faz com que, por um período de tempo mais longo, haja uma maior convivência intergeracional, o que implica diretamente no desenvolvimento da família e do indivíduo (HERÉDIA; CASARA; CORTELLETTI, 2007). Nesta direção, para entender os relacionamentos intergeracionais contemporâneos deve-se considerar a diversidade, o contexto e as experiências familiares no qual o relacionamento está embasado (STELLE *et al.*, 2010).

Estudos sobre o tema revelam os benefícios e desafios que os relacionamentos intergeracionais podem apresentar aos diferentes indivíduos do grupo familiar, como por exemplo, o apoio, ajuda mútua e influência positiva advinda do convívio e interação intergeracional (ARAÚJO *et al.*, 2002).

Contudo, a literatura indica um número recente e restrito de estudos intergeracionais em famílias de crianças com e sem alterações no desenvolvimento e tem apontado para a

necessidade de continuidade e aprofundamento do tema em diferentes contextos (HASTINGS *et al.*, 2002).

Woodbridge, Buys e Miller (2011), através de um estudo comparativo realizado em uma cidade Australiana, que objetivou explorar como os avós interagem com seus netos com desenvolvimento típico e com deficiência, refletem sobre os variados tipos de papéis desempenhados por avós de crianças com deficiência na família e enfatizam, ainda que tais papéis eram os mesmos para os netos com deficiência e para os netos com desenvolvimento típico.

Nessa mesma direção, com o objetivo de investigar as percepções e crenças de avós em relação ao envolvimento no cuidado dos netos, o impacto da deficiência em suas vidas e o relacionamento que mantinham com eles, Katz e Kessel (2002), através de entrevistas com 16 avós israelenses, encontraram que a qualidade e quantidade de interação dos avós na vida do neto com deficiência era determinada pela dinâmica intergeracional estabelecida entre os avós e os pais dos netos. Assim, as autoras discutem sobre a diferença de relacionamentos entre avós e netos com deficiência a depender se os avós são maternos ou paternos e indicam que, quando os avós são paternos, o contato físico com o neto depende principalmente de sua relação com a nora ou genro (KATZ; KESSEL, 2002).

Já com o objetivo de investigar se algumas variáveis, como a idade, o gênero e o fato de serem maternos ou paternos, têm influenciado a percepção de avós acerca de seu relacionamento com os netos, o estudo realizado por Smorti *et al.* (2012), com a participação de 373 avós italianos (com idade entre 53 e 88 anos), revelou que os avós indicaram emoções positivas em relação às atividades compartilhadas com os netos, não havendo diferenças significativas em relação ao sexo, à idade e ao fato de o avô ser paterno ou materno. Além disso, os avós participantes evidenciaram atribuir uma grande importância ao seu papel de educador, que é desempenhado por meio das atividades compartilhadas com os netos (SMORTI; TSCHIESNER; FARNETI, 2012).

Acerca do relacionamento intergeracional entre avós e irmãos de crianças com deficiência, um estudo canadense que objetivou verificar o processo de envolvimento de avós e irmãos de crianças com doenças crônicas, bem como as práticas de apoio exercidas no contexto familiar, o qual contou com a participação de quinze avós de seis famílias de crianças com doenças cardíacas congênitas, evidenciou que as pesquisas direcionadas a esta população têm focalizado a interação entre idosos e seus filhos adultos, ou a interação entre avós e netos com algum tipo de deficiência ou doença, negligenciando os demais membros familiares; assim, enfatizam para a importância de pesquisas que também focalizem o

relacionamento intergeracional entre avós e netos, irmãos de crianças com deficiência e todas as questões envolvidas neste relacionamento (RAVINDRAM; REMPEL, 2010).

A literatura também aponta para a necessidade de novos estudos intergeracionais, devido ao importante papel dos avós nas sociedades contemporâneas. Lee e Gardner, ao analisarem estudos realizados em diferentes países, como Israel, Nova Zelândia, Panamá, Estados Unidos, dentre outros, enfatizam que, apesar das diferenças culturais existentes serem evidentes, as pesquisas destacam características universais compartilhadas pelos avós (LEE; GARDNER, 2010).

Nessa direção, a identificação e aprofundamento sobre a intergeracionalidade e seus processos em diversos países e contextos, contribuem para o avanço da compreensão das dimensões multifatoriais presentes nestes relacionamentos, revelando potencialidades, desafios e possibilidades de melhor qualidade de vida e recursos para intervenções.

No Brasil, os relacionamentos intergeracionais entre avós e netos têm sido mais amplamente estudados a partir da década de 1980 (ARAÚJO; DIAS, 2002). Acerca da intergeracionalidade em famílias de crianças com deficiência, os estudos brasileiros são ainda mais recentes.

Diante das complexidades e especificidades presentes no cotidiano das relações intergeracionais e demandas de apoio dessas famílias, Matsukura e Yamashiro (2012) observam a importância de continuidade de investigações com esta população sob o enfoque da intergeracionalidade, e apontam para a importância do desenvolvimento de estudos nacionais e internacionais que enfoquem a intergeracionalidade em famílias de crianças com desenvolvimento típico, para que seja possível compor um panorama mais abrangente de diferentes realidades de relacionamentos e padrões de interação.

O objetivo do estudo foi compreender a realidade de famílias de crianças com deficiência intelectual e com desenvolvimento típico, sob a ótica de três gerações, acerca do cotidiano e de práticas de apoio existentes na família.

2 METODOLOGIA

O estudo de abordagem qualitativa, contou com a participação de 36 familiares, representados por 12 mães, 12 avós e 12 irmãos mais velhos de crianças/adolescentes com

deficiência intelectual e de crianças/adolescentes com desenvolvimento típico, residentes de uma cidade do interior do estado de São Paulo¹.

A presente pesquisa foi realizada de acordo com os critérios estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012) acerca dos cuidados éticos em pesquisas com seres humano e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (CAAE-0039.0.135.000-11, Processo número 23112.000766/2011-25), a partir do que a coleta de dados foi autorizada.

Como critérios de inclusão dos participantes e para a composição dos grupos, as mães deveriam morar com os filhos; os irmãos mais velhos deveriam ter idade entre nove e 17 anos e as avós deveriam residir na mesma cidade que os netos.

Os participantes foram divididos em dois grupos, a saber, Grupo de Famílias de Crianças/Adolescentes com Deficiência Intelectual (GDI) e Grupo de Famílias de Crianças/Adolescentes com Desenvolvimento Típico (GDT). A composição dos grupos seguiu critérios referentes à idade, gênero, classe socioeconômica das famílias participantes, dentre outros.

Como instrumentos, foram utilizados roteiros de entrevista semiestruturada direcionados a cada geração (avós, mães e netos) que abordavam questões relacionadas ao dia a dia dos participantes, rotina, atividades e responsabilidades; aos relacionamentos intergeracionais estabelecidos; aos tipos de ajuda recebida e ofertada aos familiares; às necessidades de apoio e informação, dentre outras.

Os participantes foram localizados por meio de uma escola pública de ensino fundamental e médio e de uma escola pública de ensino especial, ambas localizadas em uma cidade do interior do estado de São Paulo.

A amostra de participantes foi definida por conveniência, e contou com o auxílio dos profissionais das instituições. As famílias dos alunos que respondiam ao critério de inclusão receberam uma carta convite. Aquelas que aceitaram participar foram, então, contatadas por telefone e solicitadas a indicar o representante da terceira geração que responderia à entrevista (avó ou avô / materno ou paterno). Todas as entrevistas foram realizadas pela primeira autora do estudo, registradas em áudio e ocorreram na residência dos participantes, por opção dos mesmos.

¹ O estado de São Paulo é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Localizado na região sudeste do país, possui população superior a 40 milhões de habitantes distribuídos em 645 cidades. O estado de melhor economia é responsável por mais de 30% do PIB do país. A cidade em que o estudo foi realizado localiza-se na região central do estado, com população aproximada de 220 mil habitantes (BRASIL, 2014).

Após a confirmação para participação das famílias de crianças com deficiência, as famílias de crianças com desenvolvimento típico foram localizadas, buscando o pareamento em relação à composição familiar, escolaridade, idade (no caso dos irmãos) e gênero dos participantes.

As respostas às entrevistas semiestruturadas foram analisadas por meio da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Tal método tem como referência a Teoria das Representações Sociais e prevê que, por meio de um único discurso, a opinião de uma coletividade seja exposta, sem, no entanto, descaracterizar a natureza qualitativa de cada depoimento analisado e reunido para composição desse discurso coletivo (LEFRÈVE; LEFRÈVE, 2001; 2005; 2010).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acerca das avós participantes do presente estudo, cinco delas eram maternas e uma era paterna em ambos os grupos familiares. A idade das pertencentes ao grupo GDI variou de 44 a 90 anos, enquanto a idade daquelas que pertenciam ao grupo GDT variou de 61 a 74 anos.

Com relação à ocupação das avós, em ambos os grupos todas referiram não possuir emprego, com exceção de uma participante de cada grupo. Sobre o grau de instrução, no grupo GDI houve variação entre não possuir estudos e ter concluído o ensino fundamental, enquanto no grupo GDT esta variação se deu entre não possuir estudos a ter estudado até o segundo ano do ensino fundamental. Sobre a situação conjugal, não houve variação entre os grupos pois, tanto no GDI quanto no GDT três avós declararam-se casadas, duas viúvas e uma separada.

Em relação às mães participantes, houve variação quanto à idade entre 26 e 45 anos (GDI) e 32 e 50 anos (GDT). Acerca da situação conjugal, não houve diferenças entre os grupos, pois, em ambos, quatro mães residem com os pais das crianças e duas declararam-se solteiras.

Sobre a ocupação das mães, no grupo GDI quatro declararam possuir emprego e duas referiram não possuir, enquanto no grupo GDT cinco declararam possuir emprego e uma referiu não possuir.

Quanto ao nível de escolaridade, no grupo GDI uma das mães declarou não ter estudado e o grau de instrução das demais variou de ter cursado até o segundo ano do ensino fundamental a ter completado o ensino médio. Já no grupo GDT o nível de instrução das mães

variou de ter cursado até o quarto ano do ensino fundamental a ter completado o ensino médio.

Todos os irmãos participantes do estudo eram os primogênitos da família. No grupo GDI, quatro eram meninas e dois eram meninos, enquanto no grupo GDT, três eram meninas e três eram meninos. A idade dos mesmos variou entre 11 a 17 em ambos os grupos, e todos estudam (do sexto ano do ensino fundamental ao último ano do ensino médio).

Com relação às crianças/adolescentes com deficiência intelectual (GDI) e com desenvolvimento típico (GDT), em ambos os grupos três delas eram meninas e três eram meninos. A idade das mesmas variou de cinco a 15 anos.

Acrescenta-se que as crianças/adolescentes com deficiência serão aqui representadas por “D”, quando referências às mesmas forem identificadas nas respostas dos participantes.

Ao discorrerem acerca das características e complexidades dos relacionamentos intergeracionais, estudos nacionais e internacionais têm enfatizado os benefícios que tais interações trazem aos envolvidos de todas as faixas etárias (HERÉDIA *et al.*, 2007).

Em concordância com tais considerações da literatura, as avós participantes do presente estudo, fazem apontamentos positivos acerca do tipo de relacionamento mantido com os netos mais velhos, como se observa a seguir.

Quadro 01 – Relacionamento entre avós e netos mais velhos, sob a ótica das avós de ambos os grupos (GDI e GDT)

DSC das Avós – GDI	DSC das Avós – GDT
<i>“É bom, tudo bom, eu quero muito bem ele e ele também gosta, toda vida ele teve muito amor comigo, tinha medo que se eu morresse e ele não ia ter mais a avó, então é tudo mimado também é muito bom. ”</i>	<i>“Me dou bem, ele não amola, nem aqui quase vem, porque ele não tem tempo. E é muito bom porque ele não responde pra mim, está sempre me obedecendo. Então é normal assim, é bom, nós dois se dá bem, meu neto é tudo na minha vida! ”</i>

Fonte: Elaboração Própria

Em concordância com o relato das avós, o discurso dos netos também evidencia o bom relacionamento mantido entre as gerações.

Quadro 02 – Relacionamento entre avós e netos mais velhos, sob a ótica dos netos (GDI e GDT)

DSC dos Irmãos – GDI	DSC dos Irmãos – GDT
<i>“É bom, é muito bom, melhor impossível, a gente sempre se deu bem. Porque ela pra mim é uma segunda mãe. Eu gosto bastante dela, dialogo bastante.”</i>	<i>“Eu e minha avó a gente é muito apegado assim, ela é uma segunda mãe pra mim, a gente senta e conversa, ela dá muita bronca em mim também quando precisa, mas ela é uma super avó também, quando a gente vai lá eu faço ela dar risada, porque é bem difícil ela rir então a gente ajuda ela, aí é bom, eu converso bastante com ela e ela conversa comigo.”</i>

Fonte: Elaboração Própria

Além de caracterizarem o relacionamento mantido com as avós de maneira positiva, observa-se a seguir que os netos mais velhos também fazem uso de adjetivos positivos ao descreverem suas avós.

Quadro 03 – Descrição das avós realizada pelos netos (GDI e GDT)

DSC dos Irmãos – GDI	DSC dos Irmãos – GDT
<i>“Acho que ela é uma lutadora, passar por tudo o que ela passou, com o problema que ela tem e estar sempre com a cabeça erguida uma pessoa batalhadora. E eu acho que ela é uma avó boa, dá tudo o que você pede, aniversário ela dá dinheiro, ela só não é calma, mas ela é boa, ela sempre procura ajudar a gente quando a gente precisa e ela é bem cuidadosa com a gente assim, comigo, com os meus irmãos. Ela é uma pessoa simples, não é muito de querer as coisas, é humilde, a minha avó é uma pessoa super legal.”</i>	<i>“É uma avó boa, de ferro, tanto que ela me ajudou nessa vida e por ser de idade é uma senhora bonitona, ela é educada, tudo, é legal, quando ela quer ser brava ela é brava, mas é aquela avózona que quando você pede as coisas ela já fez já. É uma super avó, esforçada, batalhadora, por causa que a minha avó não para, com todas as doenças que ela tem, ela faz caminhada, ela tenta ganhar um dinheirinho extra, ela faz um monte de coisa, ela ajuda os colegas dela, ela é legal.”</i>

Fonte: Elaboração Própria

Estudos que abordam a percepção de crianças e adolescentes acerca da velhice destacam que estes possuem uma visão positiva, embora, ainda que em menor frequência, também exista uma percepção negativa (GVOZD, *et al.* 2012;).

Assim, embora os participantes do presente estudo tenham falado acerca da velhice a partir da descrição de seus próprios avós, o que é consideravelmente diferente de tecer considerações acerca da velhice de modo geral, os resultados reforçam os achados apresentados por Gvozdz e Dallarozza (2012) e apoia a hipótese que as crianças e os adolescentes participantes tenham evidenciado uma visão positiva da velhice, também, pelo fato de conviverem com suas avós, assim como proferido pelo estudo de Luchesi, Pavarini e Viana (2012), o qual apontou que crianças que convivem com os avós possuem uma percepção otimista sobre a velhice.

O relato dos irmãos mais velhos participantes do presente estudo evidencia a contribuição dos avós em suas vidas à medida que expõe o quanto as avós compreendem as necessidades e situações vivenciadas por eles.

Através dos DSCs, pode-se observar que as avós também oferecem apoio emocional aos netos. Discorrendo sobre o assunto, Ravindran e Rempel (2010) relatam que avós de crianças com deficiência tendem a oferecer, além de outros tipos de ajuda, suporte emocional aos irmãos destas crianças, à medida que percebem que, devido às demandas extras geradas pela criança com deficiência, os pais não conseguem atender às necessidades de atenção também dos irmãos destas crianças (RAVINDRAM; REMPEL, 2010).

Contudo, compreende-se que o suporte emocional proveniente dos avós aos netos não seja exclusividade de famílias de crianças com deficiência, mas também se faça presente em outros grupos familiares, como no caso das famílias de crianças com desenvolvimento típico observados neste estudo, onde a possibilidade de relacionamentos entre avós e netos seja viabilizada pela proximidade geográfica e outras variáveis.

Ainda sob esta perspectiva, os irmãos mais velhos participantes do presente estudo, ao relatarem sobre os tipos de ajuda recebida das avós, citam a ajuda financeira, a ajuda com as tarefas escolares, com o transporte e com cuidados quando estão doentes. Porém, tanto no grupo dos irmãos de crianças com deficiência intelectual, quanto no dos irmãos de crianças com desenvolvimento típico, o carinho, a atenção, o afeto, as conversas sobre coisas que gostam e os conselhos recebidos pelas avós, estão entre os tipos de ajuda mais citados.

No caso das famílias de crianças com deficiência, de acordo com o relato dos participantes do presente estudo, observa-se que a interação entre avós e netos mais velhos é acrescida de características específicas desta realidade.

No estudo de Woodbridge, Buys e Miller (2011) os avós relatam que, embora o relacionamento com o neto com deficiência não fosse como eles haviam antecipado, acreditavam fortemente não haver diferença em como eles interagem com os netos com e sem deficiência. No entanto, embora demonstrassem extrema consciência sobre as necessidades de seus outros netos (irmão com desenvolvimento típico), também enfatizaram a importância e desafio de assegurar que estes não fossem negligenciados, pois admitiam ser difícil ignorar a atenção especial que o neto com deficiência requeria (WOODBRIDGE; BUYS; MILLER, 2011).

Acerca do que avós e netos fazem juntos, de acordo com o relato das avós participantes, as atividades mais citadas foram conversar, brincar, aconselhar, passear juntos, dentre outras. Observou-se que não houve diferenças entre as atividades realizadas por avós e netos de ambos os grupos. Tais práticas são semelhantes às apontadas pela literatura como compartilhadas entre avós e netos com desenvolvimento típico (DIAS; SILVA, 2003).

Contudo, o estudo realizado por Matsukura e Yamashiro (2012), apontou que em famílias de crianças com deficiência física, as avós e os irmãos destas crianças compartilham, além das atividades usuais entre avós e netos, também atividades de cuidado da criança deficiente. Porém tal achado não foi encontrado pelo presente estudo. Assim, tem-se a hipótese que essas atividades de cuidado compartilhadas entre avós e netos possam ser mais frequentes nas famílias de crianças com deficiência física, que demandam ações onde os esforços físicos são mais perceptíveis e concretos. Estudos futuros, verificando especificidades de deficiências, demandas e práticas conjuntas intergeracionais devem contribuir para o conhecimento sobre variáveis presentes neste processo.

Nesse sentido, ainda que não tenham sido encontrados discursos relativos ao compartilhamento de atividades de cuidado do neto com deficiência com as avós e o irmão mais velho, as avós do presente estudo citaram a ajuda que o neto mais velho confere à família ao cuidar do irmão com deficiência. Dentre essas atividades, destacaram que olhar o irmão e buscá-lo e levá-lo para a escola é o que mais ajuda suas mães, enquanto ensiná-lo e cuidar dele é o que mais ajuda a criança.

Sobre o relacionamento entre avós e crianças com deficiência intelectual, sob a ótica dos netos mais velhos (irmãos das crianças com deficiência), o relacionamento mantido é bom, como se observa a seguir.

Quadro 4 – Relacionamento entre avós e netos com deficiência sob a ótica dos netos mais velhos (GDI)

DSC dos Irmãos – GDI
<i>“É bom também, ela sempre se dá bem. E ela gosta mais do D. do que todo mundo, então é o melhor possível. Eu acho que ela dá mais atenção pra ele, por ele precisar, do que pra mim. Ela tem um carinho pelo D., desde pequenininho é assim, ela sempre procura ajudar ele também.”</i>

Fonte: Elaboração Própria

Ao relatarem sobre o relacionamento de suas avós com seus irmãos com deficiência, observa-se que os netos também fazem menção a eles mesmos, enquanto enfatizam para a atenção extra recebida pelo irmão.

Sobre o assunto, a literatura tem apontado que os avós de crianças com deficiência muitas vezes encontram dificuldades em conciliar as demandas extras provenientes do cuidado da criança e a necessidade de atenção de seus irmãos (GARDNER; *et al*, 1994;). Os resultados do presente estudo reforçam tais apontamentos.

Acerca dos tipos de ajuda que as avós conferem às famílias, verificou-se, a partir da fala das mães participantes, o importante papel que tal apoio representa para os diferentes membros da família, como se observa a seguir.

Quadro 5 – Opinião das mães acerca da ajuda que prestam às suas famílias (GDI e GDT)

DSC das Mães – GDI	DSC das Mães – GDT
<i>“Ajuda, sempre quando eu preciso que ela fique com o D. ou com o mais novo, ela sempre fica. Às vezes o D. vai lá, ela dá banho nele, cuida dele, faz o que pode, o que não pode fazer. Então está sempre ajudando. Até porque eu trabalho, então quando eu não estou, ela é meu vigia, ela fica em cima dessas crianças pra baixo e pra cima, cuidando dos meus filhos.”</i>	<i>“Ela ajuda assim, com dinheiro, também olha as crianças, cuida dos meus filhos, dá banho, faz o almoço, quantas vezes eu levo lá, ela cuida. Então sempre que eu precisei, ela sempre tá ali pra me ajudar, quando eu fiquei doente também, sabe assim? Aí eu fiquei com ela, ela me ajudou, deu a maior força. Enfim, me ajuda em todos os sentidos, é muito prestativa, é a melhor do mundo!”</i>

Fonte: Elaboração Própria

A partir do relato das mães, observa-se que a participação da terceira geração na família as coloca, muitas vezes, como principais cuidadoras ou co-responsáveis pelos netos.

Nessa mesma direção o estudo realizado por Ravindran e Rempel com avós de crianças com doenças cardíacas congênitas, apontou que a terceira geração assume periódica e, frequentemente, as responsabilidades paternas com os cuidados da rotina diária e com as necessidades de brincar e divertir dos irmãos destas crianças, uma vez que os pais encontram-se frequentemente ocupados com os cuidados do filho doente, o que os impossibilita de atender as necessidades do filho mais velho (RAVINDRAN; REMPEL, 2010).

Contudo, apesar da presença marcante das avós do presente estudo na família, as mesmas referem que gostariam de saber ainda mais sobre a vida dos netos, obtendo maiores informações acerca do desenvolvimento deles, como se observa a seguir.

Quadro 6 – Necessidade das avós sobre maiores informações a respeito dos netos (GDI e GDT)

DSC das Avós – GDI	DSC das Avós – GDT
<p><i>“Ah eu preferia ter mais informação, de como cuidar dele principalmente (neto com deficiência), porque eu não sei se eu estou cuidando direito, porque o pouco que eu ajudo eu não sei se eu to conseguindo, então era bom se a gente tivesse mais informação. Gostaria também de saber se é uma genética, se é de família.”</i></p>	<p><i>“Eu gostaria de saber que estudo que eles tão fazendo agora, eu gostaria de saber tudo que se passa com eles, eu sei que a saúde deles também não é grande coisa, porque de vez em quando, sempre tão no médico, então eu gostaria de saber sim.”</i></p>

Fonte: Elaboração Própria

Embora as avós de ambos os grupos tenham relatado o desejo por receberem maiores informações a respeito dos netos, fica evidente que o tipo de informação seja de natureza distinta. Assim, aponta-se a necessidade dos programas de saúde e educação direcionarem atenção não somente à criança, mas a todos os membros da família, para que haja uma compreensão maior acerca das demandas e necessidades de cada um, bem como de vislumbrar e estimular maiores oportunidades de interação e trocas intergeracionais além daquelas estabelecidas com a criança com deficiência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o presente estudo respondeu aos objetivos propostos, ao aprofundar o conhecimento acerca do relacionamento intergeracional presente em famílias de crianças

com deficiência e de crianças com desenvolvimento típico, bem como ao ampliar a compreensão das diferenças e semelhanças desses relacionamentos e das trocas de apoio estabelecidas, frente às demandas, rotina e cotidiano familiar.

Destaca-se, ainda, que, embora o auxílio ministrado pelas avós e pelos filhos mais velhos, de ambos os grupos, tenha sido considerado em situações específicas, de natureza distinta, tais práticas exercidas representam importante fonte de apoio às mães de crianças com deficiência e também de crianças com desenvolvimento típico, visto que, tanto a terceira quanto a primeira geração auxiliam no cuidado da criança mais nova, assim como em outras atividades do dia a dia destas famílias.

Além disso, visto que o relacionamento intergeracional verificado entre avós e netos apresentou características positivas e benefícios para ambas as gerações, se ressalta a necessidade da promoção de programas intergeracionais nos diferentes meios e serviços culturais, de saúde e educação.

Observa-se ainda, que o estudo apresenta limitações no que se refere ao número de participantes envolvidos, além a heterogeneidade das famílias brasileiras e, devido ao fato de todas as famílias participantes do presente estudo residirem em uma única cidade do interior do estado de São Paulo, Brasil. Aponta-se, assim, para a necessidade de novos estudos intergeracionais que focalizem a opinião das três gerações, e possam ser realizados em diferentes regiões, a fim de prosseguir e aprofundar na compreensão da realidade de famílias e a intergeracionalidade em diferentes contextos e culturas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. R. G. L.; DIAS, C. M. S. B. Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situações de separação/divórcio dos pais. **Estudos de psicologia**, Natal, v.7, n.1, p. 91-101, jan. 2002.

BRASIL. World Health Organization. Organização pan-americana de saúde. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília, 2005.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, M. A. S. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n. esp., p. 55-62, 2003.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS. Envelhecimento no século XXI: celebração e desafio. 2012. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/sumario%20envelhecimento%20sec%20xx.pdf>

GARDNER, J. E.; SCHERMAN, A. Grandparents' beliefs regarding their role and relationship with special needs grandchildren. **Education & Treatment of Children**, v.17, p. 185-196, 1994.

GVOZD, R.; DELLAROZA, M. S. G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Geriatria Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 295-304, 2012.

HASTINGS, R. P.; THOMAS, H.; DELWICHE, N. Grandparent support for families of children with down's syndrome. **Journal of applial research in intellectual disabilities**, v.15, p. 97-104, 2002.

HERÉDIA, V. B. M.; CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A. Impactos da longevidade na família multigeracional. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, 2007.

KATZ, S.; KESSEL, L. Grandparents of children with developmental disabilities: perceptions, beliefs and involvement in their care. **Issues in Comprehensive Pediatric Nursing**, v.25, p.113-128, 2002.

LEE, M.; GARDNER, J. E. Grandparents' involvement and support in families with children with disabilities. **Educational Gerontology**, v. 36, p. 467-499, 2010.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali quantitativo: a metodologia do discurso de sujeito coletivo**. Brasília: Líber livro, 2010.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo**. Um novo enfoque em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2005.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A.M.C. **O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Ed. Universidade de Caxias do Sul, 2001.

LUCHESE, B. M.; PAVARINI, S. C. I.; VIANA, A. S. Alterações cognitivas de idosos no contexto domiciliar e atitudes de crianças em relação à velhice. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n.2, p. 335-341, 2012.

MASSI, G. A. A. *et al.* Impacto de atividades dialógicas intergeracionais na percepção de crianças, adolescentes e idosos. **Rev. CEFAC**, v. 18, n. 2, p. 399-407, 2016.

MATSUKURA, T. S.; YAMASHIRO. Relacionamento Intergeracional, Práticas de Apoio e cotidiano de famílias de crianças com necessidades especiais. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.4, n.18, p. 647-660, 2012.

MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

MINUCHIN, S; FISHMAN, C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MIRFIN-VEITCH, B.; BRAY, A.; WATSON, M. We're just that sort of family: intergenerational relationship in families including children with disabilities. **Family Relations**, v.46, p. 305-311, 1997.

MITCHELL, W. Research review: the role of grandparents in intergenerational support for families with disable children: a review of the literature. **Child & Family Social Work**, v.12, p.94-101, 2007.

RABELO, D. F.; NERI, A. L. A Complexidade Emocional dos Relacionamentos Intergeracionais e a Saúde Mental dos Idosos. **Pensando Famílias**, v. 18, n. 1, p. 138-153, 2014.

RABINOVICH, E. P.; AZAMBUJA, R. M.; MOREIRA, L. V. C. Significados dos bisavós para crianças baianas. **Rev. Kai. Gerontol**, v. 17, n. 1, p. 179-199, 2014.

RAMOS, A. C. Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, 2014.

RAVINDRAN, V. P.; REMPEL, G. R. Grandparents and siblings of children with congenital heart disease. **Journal of Advanced Nursing**, Alberta, v. 67, n. 1, p. 169-175, 2010.

STELLE, C.; FRUHAUF, C. A.; OREL, N.; LANDRY-MEYER, L. Grandparenting in the 21st century: issues of diversity in grandparent-grandchild relationships. **Journal of gerontological social work**, v. 53, n. 8, p. 682-701, 2012.

TARALLO, R. S.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. Equivalência semântica e cultural da Intergenerational Exchanges Attitude Scale (IEAS). **Rev. Bras. Geri. Gerontol.** v. 19, n. 3, p. 453-463, 2016.

TURNBULL, A. P.; TURNBULL, H. R. **Families, professionals and exceptionality: Collaboration for empowerment**. 4^a ed. Columbus: Merrill Publishing Company, 2001. 92p.

WOODBIDGE, S.; BUYS, L.; MILLER, E. My grandchild has a disability: impact on grandparenting identity, roles and relationships. **Journal of Aging Studies**, Queensland, v.25, n.4, p. 355-363, 2011.

ZISBERG, A.; TOPAZ, M.; BAND-WINTERSHTEIN, T. Cultural and educational level differences in students knowledge, attitudes and preferences for working with older adults: an Israeli perspective. **Journal of Transcultural Nursing**, v.26, n.2, p.193-201, 2015.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

YAMASHIRO, J. A; MATSUKURA, T. S. Relacionamentos Intergeracionais em Famílias de Crianças com Deficiência. **Rev. FSA**, Teresina, v.14, n.6, art.10, p. 187-203, nov./dez. 2017.

Contribuição dos Autores	J. A. Yamashiro	T. S. Matsukura
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X